

O DIA EM QUE SOLTAMOS PIPAS

FRANCES FOWLER apresentada por Ruth Rogness

"Linha!", gritou meu irmão. "Precisamos de mais linha!" Era sábado, como sempre um dia ocupado, pois "Trabalharás durante seis dias e farás todos os trabalhos" era levado a sério então. Do lado de fora, papai e o vizinho, o senhor Patrick, também cumpriam suas tarefas.

Mamãe e a senhora Patrick faziam a limpeza da primavera.

O vento tornava aquele dia de março ideal para arrumações de armário. As roupas de lã já balançavam no varal do quintal.

De alguma forma, os meninos tinham conseguido ir para o morro atrás da casa com suas pipas. Agora, mesmo com o risco de deixar meu irmão encurralado e obrigado a bater tapetes, eles o mandaram pegar mais linha. Aparentemente não havia limites para a altura que as pipas poderiam alcançar.

Mamãe olhou para a sala, a mobília desarrumada esperando uma limpeza espartana. Mas seus olhos se dirigiram à janela: "Venham, meninas! Vamos levar linha para os garotos e vê-los soltar as pipas!" No caminho, encontramos a senhora Patrick rindo com um ar de culpa, as filhas ao lado.

Nunca houve um dia tão bom para soltar pipas. Deus não faz dois dias iguais no mesmo século. Pusemos toda a linha extra nas pipas dos meninos e elas continuavam a subir. Mal podíamos distinguir os pontos cor de laranja no céu. De vez em quando, puxávamos a linha devagar, fazendo-as mergulhar, apenas para ter a alegria de vê-las subir de novo. Que emoção correr com elas, para a direita, para a esquerda, percebendo que nossos pequenos movimentos em direção ao chão refletiam-se minutos depois na majestosa dança das pipas no céu! Escrevemos desejos em pedaços de papel e os encaixamos na linha. De forma lenta e irresistível, eles subiram até alcançar as pipas. Com certeza seriam desejos realizados.

Até nossos pais largaram enxadas e martelos e se juntaram a nós. Nossas mães também brincaram, rindo como estudantes.

Seus penteados se desfizeram e os cachos caíram sobre seus rostos, seus aventais riscadinhos batendo em suas pernas.

Misturada à nossa alegria havia alguma coisa que causava admiração: os adultos estavam brincando conosco! Olhei para mamãe e a achei realmente bonita. E ela já tinha mais de quarenta anos! Não sentimos o tempo passar no alto da montanha. Não existia o tempo, apenas a brisa dourada. Estávamos além de nossos corpos. Os pais esqueceram seus deveres e brincaram sem qualquer vergonha. As crianças esqueceram disputas e implicâncias. Talvez seja assim o reino do céu, pensei, confusa.

A tarde caía e nós, bêbados de sol e ar, voltamos cambaleantes e sonolentos para casa. Acho que fizemos um lanche.

Acho que foi feita uma limpeza superficial, mas a casa, no domingo, até que estava arrumada.

O estranho é que nós nunca mencionamos este dia depois.

Eu me sentia um pouco envergonhada. Com certeza, a experiência tinha sido mais profunda para mim do que para os outros, e tranquei a

lembrança lá no fundo, onde guardamos "as coisas que não podem ser e mesmo assim são".

Passaram-se os anos e um dia eu estava ocupada na cozinha enquanto minha filha de três anos insistia em "ir ao parque ver os patos".

"Não posso!", eu disse. "Tenho muitas coisas para fazer e, quando terminar, vou estar cansada para ir tão longe." Minha mãe, que nos visitava naquele momento, parou um instante de descascar as ervilhas e disse: "Está uma manhã linda, quente, mas com uma brisa que me faz lembrar aquele dia em que soltamos pipas." Parei entre o fogão e a pia. A porta trancada se abriu e trouxe um jorro de lembranças. Tirei meu avental e disse à minha filha: "Vamos. Vovó tem razão. O dia está muito bonito para se desperdiçar."

Passou-se uma década. Estávamos no pós-guerra. Durante toda a noite ouvimos o filho mais jovem do senhor Patrick contar suas experiências de prisioneiro num campo de concentração. Depois de falar bastante, ficou em silêncio. Estaria pensando nas duras situações que enfrentou?

De repente, com um sorriso nos lábios, ele disse: "Ei! Vocês lembram... não, claro que não. Não deve ter deixado em vocês a mesma impressão que deixou em mim." Tive até medo de perguntar: "Lembrar o quê?" "No campo de prisioneiros, naquela situação tão terrível, eu me lembrava sempre daquele dia. Vocês lembram o dia em que soltamos pipas?"

Chegou o inverno e eu tinha a espinhosa missão de visitar a senhora Patrick, que ficara viúva. Era difícil. Não podia imaginá-la enfrentando a vida sozinha.

Conversamos um pouco sobre as famílias e sobre as mudanças na cidade. Então, ela ficou em silêncio, olhando para o colo. Limpei a garganta, me preparando para falar sobre sua perda e vê-la chorar.

Quando levantou o rosto, ela sorria: "Eu estava aqui sentada, pensando. Henry se divertiu tanto naquele dia. Frances, você se lembra do dia em que soltamos pipas?"

Este é o meu lugar favorito. Dentro do seu abraço.